

Reportagem Especial

VIOLÊNCIA ESCOLAR

Brigas, sexo e tráfico nas escolas

Polícia diz que casos acontecem em pelo menos 70 escolas da Grande Vitória. Somente este ano, foram 150 ocorrências

A)22135-1

Michelli Possmozer

Locais que deveriam ser destinados ao aprendizado de crianças e adolescentes têm servido para a prática de crimes.

Das 150 ocorrências registradas na Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle) entre o primeiro dia do ano até o último dia 19 envolvendo o ambiente escolar, 82 delas são de brigas entre alunos, tráfico e uso de drogas, estudantes armados e até abuso sexual, em 70 escolas da Grande Vitória.

Na última terça-feira, uma mãe procurou a delegacia com a filha de 11 anos porque a menina está sendo ameaçada de morte por uma colega da escola que só tem 15 anos.

Com o rosto machucado e uma mordida no ombro, a criança relatou à polícia que a acusada chegou a invadir a sua casa no último dia 14, com xingamentos.

Cinco dias depois, a adolescente a surpreendeu com socos e chutes na saída de uma escola municipal em Morada da Barra, Vila Velha, dizendo que a mataria.

Além das brigas, o tráfico e o uso de drogas são outros problemas que aterrorizam o ambiente escolar. Segundo um policial militar que não quis se identificar, o tráfico de drogas chegou a influenciar até no funcionamento de uma escola estadual no bairro Castelo Branco, em Cariacica.

“Como é uma região onde há disputas entre gangues, alguns alunos, aliciados no tráfico, levam drogas para vender na escola, o que atrapalha até no horário de entrada dos alunos”, disse.

Uma mãe de 46 anos contou que não vê a hora de tirar o filho de 17 anos de uma escola municipal em Vila Palestina, Cariacica, em função da alta incidência de drogas no ambiente escolar.

“Muitos meninos entram na escola drogados. O Samu já esteve lá várias vezes por causa de alunos que sofreram overdose dentro da escola”, relatou a mãe.

PARTICULARES

Embora a grande maioria dos casos ocorra em escolas públicas, as instituições de ensino particulares também entraram na estatística.

Entre as seis escolas de ensino privado envolvidas em ocorrências na Deacle, em uma delas, um aluno de 14 anos foi golpeado a facadas por outro estudante de 15 anos na saída de uma escola particular em Laranjeiras, na Serra.

O pai da vítima relatou à polícia que o filho só não morreu porque um professor da escola impediu.

ESPANCADA PELAS COLEGAS



RODRIGO GAVINI/AT

“Alunos andam armados para ter status”, diz delegado

A arma no ambiente escolar virou objeto de status para alguns alunos. É o que disse o titular da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), delegado Wellington Lugão.

“A maioria alega em depoimento que levou a arma para a escola para se defender de alguma ameaça. Mas, na verdade, alunos andam armados para ter status e mostrar que têm poder”, afirmou.

O delegado contou que parte dos pais se surpreende com o fato de o filho estar armado na escola. “Os pais precisam fiscalizar mais os filhos. Só assim eles vão descobrir se o jovem está fazendo algo errado”.

O sargento Marcos Antônio Mattos, que atua na patrulha escolar em Viana, disse que a polícia ainda não conseguiu identificar onde os alunos conseguem as armas que levam para as escolas.

Ele citou o caso de um estudante de 13 anos que foi flagrado com uma arma ponto 40 na mochila, em uma escola de Viana, em maio.

“Essa arma é de uso restrito. Então como esse aluno a conseguiu? Não se sabe. E para ele foi uma satisfação levar o revólver para a escola”, destacou.

“Está passando mal por causa da surra”

Revoltada com a violência em uma escola municipal do bairro Castelo Branco, em Cariacica, a dona de casa Maria Poliana Ferreira Santos, 29 anos, contou que duas alunas bateram a cabeça de sua filha, de

apenas 12, na parede de um corredor da escola, no dia 1º deste mês.

Ela contou que a partir deste dia, a filha dela passou a ter vômitos frequentes e dores de cabeça e ela já chegou a levá-la ao hospital sete ve-

zes, além de fazer uma tomografia.

“Ela não dorme mais à noite, nem vai à escola porque está passando mal por causa da surra. Até para pentear o cabelo, ela chora!” declarou.

RAIO X DA VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

NÚMEROS

150
OCORRÊNCIAS

foram registradas na Deacle este ano envolvendo escolas da Grande Vitória.

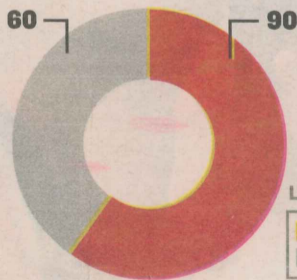
→ **68** ocorrências foram ameaças de surras e de morte e roubos.

→ **46** ocorreram dentro das escolas - pátio, corredores ou sala de aula.

→ **15** foram de ameaças e agressões contra professores.

AUTORIA DOS CRIMES

A maior parte das ocorrências tem autoria de meninas, que brigam, ameaçam e roubam.



LEGENDA

Meninas
Meninos

82

OCORRÊNCIAS FORAM RELACIONADAS A BRIGAS, ABUSO SEXUAL E DROGAS NAS ESCOLAS.

CRIMES NAS ESCOLAS

MUNICÍPIO	OCORRÊNCIAS
Vitória	22
Vila Velha	12
Cariacica	15
Serra	18
Viana	3

“Essas ocorrências não mostram 50% dos crimes que acontecem nas escolas”

Delegado Wellington Lugão

Fonte: Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle)

SEXO

CRIANÇAS

Em uma escola da Região 5 (Grande Terra Vermelha), em Vila Velha, um casal de crianças de 9 anos foi flagrado fazendo sexo atrás de uma sala de aula, segundo um conselheiro tutelar.

ALUNOS ARMADOS



Canivete

Um aluno de 13 anos ameaçou uma estudante com um canivete dentro da sala de aula de uma escola em Jacaraípe, na Serra, porque ela se recusou a dar cola para ele.



Escopeta

Uma escopeta foi encontrada na mochila de um adolescente, em uma escola estadual da Grande Terra Vermelha, em Vila Velha, este ano, segundo um conselheiro.



Faca

Uma aluna de 13 anos bateu em outra de 12 anos dentro da escola e tentou matá-la com uma faca no horário da saída, no dia 19 de julho. O caso ocorreu em Cariacica.

Reportagem Especial



FERNANDO RIBEIRO/AT

VÍTIMA de abuso sexual dentro da sala de aula passeia de mãos dadas com o pai, que ficou indignado

VIOLÊNCIA ESCOLAR

“Tentaram me estuprar dentro da sala de aula”

A satisfação em ir para a escola não existe mais na vida de uma estudante de apenas 13 anos, que afirmou ter sido abusada sexualmente por seis colegas dentro de uma sala de aula, em uma escola municipal no bairro Jardim Camburi, em Vitória.

O crime ocorreu no dia 2 de agosto deste ano, após o recreio. A Secretaria Municipal de Educação informou, por meio de nota, que os pais de todos os alunos foram comunicados imediatamente, que os acusados foram suspensos das aulas e que a aluna foi transferida para o turno da manhã.

Mesmo envergonhada, a vítima conversou com a reportagem de **A Tribuna** e contou como está vivendo depois dos momentos de terror que passou.

A TRIBUNA - Como tudo aconteceu?

ALUNA ABUSADA - Estava sentada na sala da 6ª série com uma amiga, depois do recreio, quando seis colegas me pegaram e me jogaram contra a parede. Eles passavam a mão em todo o meu corpo e diziam coisas horríveis, além de esfregar a minha cabeça nas partes íntimas deles. Tentaram me estuprar dentro da sala de aula.

> E a sua amiga?

Ela ficou olhando, meio sem reação. Acho que ela não me defendeu porque ficou com medo de que fizessem o mesmo com ela, já que eram muitos.

> Como conseguiu sair dali?

Eu chorava muito e tentei me abaixar para me defender. Ai um amigo me arrancou da rodinha e

me levou para a coordenação.

> E depois?

Depois que a coordenadora me ouviu e a eles também, tive que voltar para a mesma sala onde eles estavam. Foi horrível!

> Eles chegaram a ameaçar você?

Sim. Eles disseram que não era para eu e minha amiga sairmos na rua porque senão eles iriam cortar nosso cabelo. Um deles chegou a ligar, me ameaçando de morte.

> Como está sua vida agora?

Está muito difícil porque alguns alunos da manhã souberam e estão me chamando de “sabãozinho” e “corrimão”, como se eu tivesse provocado isso. Estou com muito medo que aconteça de novo.

“Estão me chamando de “sabãozinho”, como se eu tivesse provocado isso. Estou com medo de que aconteça de novo”

DEPOIMENTO

“Foi um choque muito grande!”

“Na hora que recebi a notícia foi um choque muito grande! São meninos de 13 e 14 anos que fizeram essa atrocidade com a minha filha e o pior de tudo é que um deles foi criado com ela.”

Agora eu tenho que levá-la e buscá-la de carro para todo lugar por-

que tenho medo de que aconteça o pior com ela. Quando soube que um deles ligou, a ameaçando de morte, fiquei até sem dormir! Ela é minha única filha, imagina como deve estar meu coração de pai!”

Pai da vítima, 47 anos

PM contra as drogas

Na tentativa de evitar que alunos de 6ª e 7ª séries se envolvam com drogas, a Polícia Militar desenvolveu o Programa Educacional de Resistência às Drogas (Proerd), que já está há 10 anos no Estado.

“Com brincadeiras e de forma divertida, a gente tenta ensinar as crianças a dizer não às drogas”, declarou o coordenador do Proerd no Estado, tenente-coronel Jailson Miranda.

Segundo o coordenador, o programa resulta de uma ação conjunta entre a Polícia Militar, pro-

fessores, pais e comunidades.

Em cada escola por onde o programa passa, seja pública ou particular, os alunos participam de um total de 10 encontros e o curso é encerrado com uma formatura que reúne pais e alunos. “No Estado, já treinamos quase 200 mil crianças”.

DENÚNCIA

ARMA

Professores descobriram uma arma com um aluno e guardaram no armário de uma escola, em Cariacica, ao invés de chamar a polícia. A arma sumiu da escola, segundo um policial.

Muitas ocorrências não chegam às delegacias

A violência envolvendo alunos pode ser muito maior, segundo o titular da Delegacia do Adolescente em Conflito com a Lei (Deacle), delegado Wellington Lugão, já que muitos casos não chegam às delegacias. “Essas ocorrências não mostram nem 50% dos crimes que acontecem nas escolas”, afirmou.

Segundo um conselheiro tutelar que atua na Grande Terra Vermelha, em Vila Velha, muitas ocorrências não chegam até a polícia porque alguns diretores têm medo de sofrer represálias.

“Em muitas

situações, o diretor fica com medo de chamar a polícia e sofrer ameaças. A escola não quer se envolver porque pode trazer perigo para ela, já que em algumas unidades os traficantes é que mandam”, disse.

PATRULHA

O coordenador da Patrulha Escolar no Estado, capitão Warner Di Francesco, afirmou que os policiais militares realizam visitas diárias nas escolas estaduais com a proposta de acompanhar o aluno.

“A proposta é trabalhar o comportamento do adolescente, além de promover a participação da família, porque a escola sozinha não consegue”, contou.

Já as secretarias de Educação municipais informaram que investem em projetos sociais para minimizar o comportamento violento e impulsivo que alguns alunos apresentam.

A gerente do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação de Vitória, Maria da Conceição Peixoto, disse que, em casos de ocorrências graves, a Guarda Municipal é acionada.

PERIGO

REVÓLVER

O filho de um vereador de Vila Velha foi pego com um revólver 38 carregado em uma escola do município há cerca de três meses, segundo um conselheiro municipal.

FAMÍLIA EM PÂNICO



KADIDJA FERNANDES/AT

“Tenho medo de que ela morra”

De mãos dadas com a filha, um porteiro de 43 anos contou o drama que a família passou a viver depois que ela foi ameaçada de morte na escola. A menina, de 15 anos, está há mais de uma semana sem ir à es-

cola, segundo o pai, depois que outra aluna confessou que uma jovem ofereceu a ela R\$ 150 para matá-la.

“Ela tem boas notas e pode até perder o ano por isso. Mas tenho medo de que ela morra”.

ANÁLISE

“O que tem acontecido é reflexo da violência na sociedade”

“O que tem acontecido nas escolas é reflexo da violência presente na sociedade. E não é apenas na instituição de ensino pública. Nas escolas particulares, a violência também está presente, tendo em vista a incidência de jovens de classe média e alta envolvidos com drogas.

Estamos vivendo em um tempo sem lei e o grande problema é que muitas famílias estão desestrutu-

radas e não conseguem impor limites à criança desde a maternidade.

As crianças têm muito acesso à informação, mas não sabem como aplicá-la porque não foram instruídas nos valores morais.

O cérebro de um adolescente, inclusive, não está desenvolvido, logo as decisões tomadas por ele não são conscientes. Na maioria das vezes, ele age na impulsividade”.

Cristiane Palma Bourguignon
Psicóloga

